



7. As Profecias de Neferti





7.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse





O texto com *As Profecias de Neferti*, também conhecido por *Conto Profético*, foi preservado em diversas fontes das quais uma única o apresenta numa versão completa: o *Papiro 1116B recto*, do Museu do Hermitage Imperial de São Petersburgo. É também a única fonte manuscrita sobre papiro. As outras, que contêm apenas pequenas porções de texto, são duas placas de madeira da XVIII dinastia: a tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, a que apresenta o maior fragmento de texto correspondente às linhas 35 a 71, foi encontrada por M. Loret em Sakara em 1898, ao norte da pirâmide de Teti, e a tabuinha do *Museu Britânico 5647*, com fragmentos muito dispersos das linhas 9 a 12; e dezanove óstracos de calcário, a maioria do período ramsésida, originários de Deir el-Medina: óstraco de *Liverpool 13624 M*, da XIX dinastia, fragmentos das linhas 1 a 6, o óstraco *Petrie 38*, com fragmentos das linhas 26 a 34 e o óstraco de *Deir el-Medina 1074*, com fragmentos das linhas 23 a 39¹; e ainda o óstraco de *Deir el-Medina 1182*, com fragmentos das linhas 1 a 4, o óstraco de *Deir el-Medina 1183*, com fragmentos das linhas 1 a 6, o óstraco de *Deir el-Medina 1184*, com fragmentos das linhas 1 a 5, o óstraco de *Deir el-Medina 1185*, com fragmentos das linhas 1 a 4, o óstraco de *Deir el-Medina 1186*, com fragmentos das linhas 16 a 18, o óstraco de *Deir el-Medina 1187*, com fragmentos das linhas 17 a 21, o óstraco de *Deir el-Medina 1188*, com fragmentos das linhas 21 a 24, o óstraco de *Deir el-Medina 1189*, com fragmentos das linhas 48 a 49, o óstraco do *British Museum 5627* (com inscrições em hierático e demótico), com fragmentos das linhas 45 a 49, o óstraco de *Turim*, com fragmentos das linhas 13 a 17, o óstraco *Michailides 9*, com fragmentos das linhas 24 a 26, o óstraco *Gardiner 326*, com fragmentos das linhas 63 a 71, o óstraco *Gardiner 331*, com fragmentos das linhas 43 a 71, o óstraco *Gardiner 371*, com fragmentos das linhas 33 a 45, o óstraco *Gardiner 372*, com fragmentos das linhas 66 a 71, e o óstraco *Vandier*, com fragmentos das linhas 35 a 40². Este numeroso espólio mostramos, sem margem para dúvidas, que estamos na presença de mais um texto clássico das escolas de escribas da XVIII e XIX dinastias.

Contudo, exceptuando a tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, que apresenta a segunda metade do texto, mas que se encontrava já há anos em estado de conservação muito precário³, todos estes documentos são praticamente irrelevantes para a compreensão do papiro,

¹ G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 95-96.

² W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, pp. 1-2.

³ W. GOLENISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 7.



embora preencham pequenas lacunas do papiro. De proveniência desconhecida, o *Papiro 1116B* foi um dos papiros encontrados num armário do Museu do Hermitage Imperial de São Petersburgo, em 1876, e entregues a W. Golénischeff para estudo, sem se saber como qualquer um deles chegou à Rússia. Pela existência de cólofon, ainda que incompleto, o manuscrito, diz-nos ser uma cópia ou adaptação. A inclusão de uma lista de madeira de ébano e marfim no verso do papiro, especificamente destinada a «objectos pertencentes ao palácio de Tutmés III»⁴, carregada numa barca designada por «Aakheperurétau» que inclui o nome de nascimento de Amen-hotep II, Aakheperuré⁵, seu co-regente e sucessor, ficamos a saber tratar-se de uma cópia da XVIII dinastia, muito provavelmente da segunda metade do reinado de Tutmés III. Por outro lado, infere-se do nome hipocorístico abreviado de Amenemhat I⁶, fundador da XII dinastia, na linha 58, que o original deve ter sido idealizado no início da XII dinastia⁷. A utilização deste carinhoso diminutivo, na parte final do texto, numa acentuada toada panegírica, parece indicar que o texto terá sido composto no próprio reinado de quem recebe tamanho elogio, porventura como contributo para a confirmação da unificação do reino e afirmação da nova dinastia. O texto tem 71 linhas, 65 horizontais e seis verticais (l. 23 e 67 a 71), que se arrumam em seis «páginas», cuja largura actual varia entre os 15,6 cm e os 15,8 cm, contendo onze linhas cada, com excepção da penúltima que tem apenas dez, e parece ter sido executado por um escriba bastante inexperiente, uma vez que apresenta numerosos erros e omissões que dificultam a inteligibilidade de um texto já de si de difícil compreensão e cuja tradução definitiva ainda não está completamente assegurada.

Conjuntamente com o *Papiro 1115 (O Conto do Naufrago)*, de uma época bastante mais recuada onde se usava uma escrita mais grossa e espaçada, e o *Papiro 1116A (Os Ensinamentos para Mérikaré)*, o manuscrito em análise foi alvo de uma publicação fac-similada com transcrição para egípcio hieroglífico por parte de W. Golénischeff, em 1913⁸, que inclui igualmente fac-símile e transcrição hieroglífica, em paralelo, da tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, existindo ainda uma outra transcrição do egípcio hierático para o egípcio hieroglífico

⁴ W. GOLENISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 8.

⁵ W. GOLENISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 8.

⁶ G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 37-38.

⁷ G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, p. 95.

⁸ W. GOLENISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*.



d' *As Profecias de Neferti* em 1970, por Wolfgang Helck, com a particularidade desta transcrição incluir em paralelo as transcrições das vinte e duas fontes antes referidas⁹. A maior parte dos óstracos foi publicada por G. Posener e A. Gardiner¹⁰.

A realização deste trabalho segue, fundamentalmente, a leitura do papiro realizada por W. Golénischeff e W. Helck.

Sinopse. Através do expediente literário antes referido a propósito de Khufu, vamos agora ao encontro do fundador da IV dinastia, Seneferu, que procura combater o tédio escutando Neferti, um sacerdote de Heliópolis seguidor de Bastet, de quem os seus mais próximos colaboradores lhe confienciaram ser capaz de o distrair com a sua oratória. Ao encontrar-se na presença do rei, Neferti pergunta-lhe se pretende que ele lhe fale do passado ou do futuro e o soberano escolhe o futuro. De facto, acabamos por constatar que este «futuro» é «passado», não encontrando aqui o conceito de profecia tal e qual ela se desenvolveu entre os Hebreus. O autor, através da personagem, fala de acontecimentos que em relação ao momento do relato estão no futuro, mas que em relação ao momento do registo literário pertencem ao passado e, portanto, são do conhecimento do «artesão» literário. O final atribulado do Império Antigo, o Primeiro Período Intermediário, época de anarquia, revolução social e invasão estrangeira é mais uma vez exposto, porventura com a finalidade de o contrapor ao esforço unificador e pacificador de Amenemhat I. Até porque, por momentos, futuro e presente parecem misturar-se e o narrador parece participar na acção (l. 34-35). Os Asiáticos invadem o Delta (l. 33), os Beduínos saqueiam o país de lés-a-lés (l. 32 e l. 35). Esvaziado das suas riquezas (l. 46) o Egípto verá todos os bens necessários ao bem-estar desaparecerem (l. 30-32) e enfrentará uma crise manufactureira porque ninguém trabalhará (l. 46). Os ricos tornam-se pobres (l. 47) e os pobres tornam-se ricos (l. 56). Há quem use a violência com qualquer pessoa (l. 49) e não hesite em matar o próprio pai (l. 44), sem que isso perturbe ou surpreenda (l. 24), com cada um a viver apenas para si mesmo (l. 42). Os próprios elementos da natureza virar-se-ão contra os Egípcios: o Nilo secará e os barcos já não poderão deslocar-se (l. 26-28), os ventos do norte e do sul confrontar-se-ão (l. 28) e o próprio sol morrerá (l. 24 e l. 51), uma predição que do ponto de vista religioso é apocalíptica. Contudo, estas calamidades parecem extremamente localizadas, sendo reservadas apenas à parte oriental do Delta, mais particularmente a Helió-

⁹ W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfirtj*, pp. 3-58.

¹⁰ W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfirtj*, pp. 1-2.



polis (l. 20-21), a Bubástis e parte este do Egípto (l. 17-18). Segundo o sacerdote, esta situação só teria fim quando aparecesse um rei que conseguisse pôr cobro a tudo isto e restaurar e defender o país. Por isso não acaba o seu relato sem profetizar o nascimento desse homem. Esse nascimento acontecerá no Sul, onde o salvador assumirá a coroa real e partirá para libertar o país da anarquia e, sobretudo, dos invasores, contra quem construirá os Inebu-heká (*inbw-ḥk3*), os «Muros do Rei»¹¹, para impedir o regresso dos Asiáticos e que Sinuhe atravessará (R 42). Amenemhat I, vizir de Mentuhotep IV, último soberano da XI dinastia tebana, será esse rei, que fundará uma nova capital a cerca de 32 km de Mênfis, Iti-taui, a «Dominadora das Duas Terras», ainda por localizar¹².

¹¹ Conjunto de fortificações erguidas ao longo do Nordeste do Delta, no Uadi Tumilat, junto a Tell el-Maskhuta, para proteger a principal região por onde os asiáticos invadiam o Egípto.

¹² P. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 78-79.



7.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada





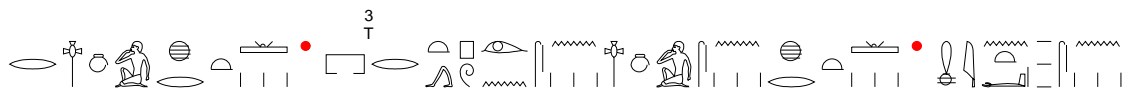
¹

hpr.n swt wnn hm nsw-bity snfrw m³-hrw m nsw mnḥ m t3 pn r-dr.f

Então existiu um acontecimento (quando) a majestade do rei do Alto e do Baixo Egito Seneferu, justo de voz, era um excelente rei nesta terra até ao seu limite.


w^c m nn hrw hpr k pw iri.n knbt nt hnw r pr-3 ḥḥ wḏ3 snb

Um desses dias aconteceu (quando) os magistrados da corte entraram no interior do palácio, v. p. s.¹,


r nḏ hrt prt pw iri.n.sn nḏ.sn hrt mi nt-^c.sn

a fim de saudar (o rei) e saíram (depois) de terem feito as saudações, como era o seu hábito


nt r^c nb dd.in hm.f ḥḥ wḏ3 snb n sd3wty nty r-gs.f isy in n.i knbt

todos os dias. Sua majestade, v. p. s., disse ao tesoureiro que estava ao seu lado: «Vai, traz-me os magistrados da corte²


nt hnw prt 3 r nḏ hrt m hrw pn st3 ini.tw.f hr-^c

que vieram à Residência³ e saíram daqui de acordo com as saudações de hoje⁴.» Eles foram conduzidos⁵ até ele imediatamente.


wn.in.sn hr ht.sn m-b3ḥ hm.f ḥḥ wḏ3 snb m whm-^c dd.in hm.f ḥḥ wḏ3 snb n.sn

Na presença de sua majestade, v. p. s., deitaram-se outra vez sobre o seu ventre. Sua majestade, v. p. s., disse-lhes⁶:

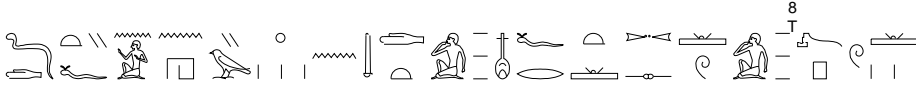

rḥw mtn rdī.n.i i3^c.tw n.tn r rdt d^cr.tn n.i

«Companheiros, vede! Fiz com que vos chamassem para vos fazer procurar para mim



s3.tn m s33 sn.tn m ikr hnms.tn wdi sp nfr

um dos vossos filhos que seja sábio, um dos vossos irmãos que seja excelente, um dos vossos amigos que tenha cometido um bom caso,



ddty.f n.i nhy n mdwt nfrwt tsw stpw

que me possa dizer algumas belas palavras, frases⁷ escolhidas



w33y hr n hm.i n sdm st rdi.in.sn hr ht.sn m-b3h hm.f

com as quais a minha majestade⁸ possa alegrar-se⁹ a escutar isso.» Eles estavam colocados sobre o seu ventre na presença de sua majestade,



nh w33 snb m whm-^c dd.in.sn hft hm.f nh w33 snb iw hry-hbt 3 n

v. p. s., outra vez e disseram de acordo com sua majestade, v. p. s.: «Há um sacerdote leitor chefe¹⁰ de



b3stt ity nb.n nfrty rn.f nds pw kni g3b.f

Bastet, soberano, nosso senhor, cujo nome é Neferti. É um indivíduo de braço¹¹ forte¹²,



sš pw ikr n db^c.f špss pw 3 n.f ht r mity.f nb hwy ini.f

um escriba excelente com os seus dedos. Este homem é rico e tem grandes bens do que todos os seus iguais. Possa ele ser trazido



m33 hm.f dd.in hm.f nh w33 snb isy ini n.i sw st3.in.tw.f n.f

para sua majestade ver!» Disse sua majestade, v. p. s.: «Ide! Tragam-mo!» Ele foi conduzido até ele



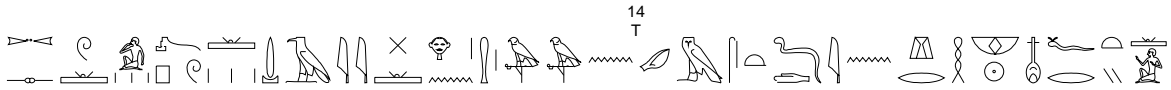
hr-^cwy wn.in.f hr ht.f m-b3h hm.f nh w33 snb dd.in hm.f nh w33 snb

imediatamente. Ele colocou-se sobre o seu ventre diante de sua majestade, v. p. s., e disse sua majestade, v. p. s.:



mi m nfrty hnms.i dd.k n.i nhy n mdwt nfrwt

«Vem, peço-te¹³ Neferti, meu amigo! Possas tu dizer-me algumas belas palavras,



tsw stpw wd3y hr n hm.i n sdm st dd.in hry-hbt nfrty

frases escolhidas, com as quais a minha majestade possa alegrar-se a escutar.» Disse o sacerdote leitor Neferti:



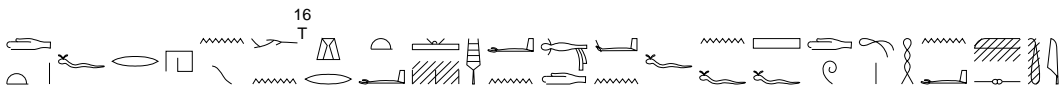
in iw m hprwt in iw m hprwt(y){.f}.sy ity nh wd3 snb nb.i

«Acerca do que aconteceu ou do que acontecerá¹⁴, soberano, v. p. s., meu senhor?»



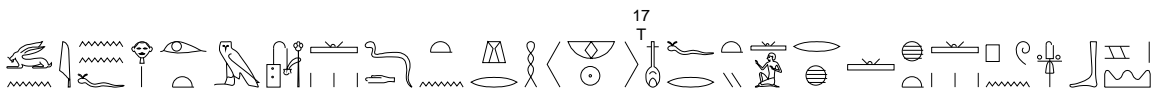
dd.in hm.f nh wd3 snb m hprt(y).st swt min is hpr sw3 hr.f hc.n dwn.n.f

Disse sua majestade, v. p. s.: «Do que acontecerá¹⁵. Na verdade o hoje (já) aconteceu, passa sobre ele¹⁶.» Então, estendeu



drt.f r hn n hrt- hc.n šdi.n.f n.f šfdw hn gsty

a mão para uma caixa de material de escrita, retirou um rolo de papiro para si e uma paleta,



wn.in n.f hr irt m sšw ddt.n hry-hbt nfrty rh-ht pw n i3b(t)

e pôs-se a escrever o que dizia o sacerdote leitor¹⁷ Neferti, o sábio do Este¹⁸



n(y)-sw b3stt m wbn.s msw pw n hk3t-đ iw.f mhyw.f

que pertence¹⁹ a Bastet logo que ela se ergue²⁰, um nativo do «domínio da prosperidade»²¹. **Ele estava a preocupar-se**²²

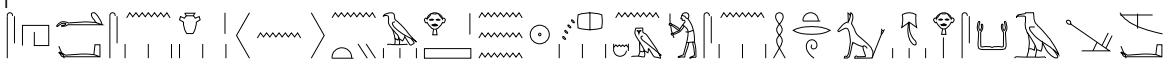


hr hpryt m t3 iw.f šb3.f kni n i3btt hpw 3mw m hpš{t}w.sn

com o que iria acontecer no país e mencionando a condição²³ do Este, quando os Asiáticos avançassem com as suas espadas curvas²⁴,



19

*sh.sn ibw n ntyw hr šmw nhm.sn htrw hr sk3*

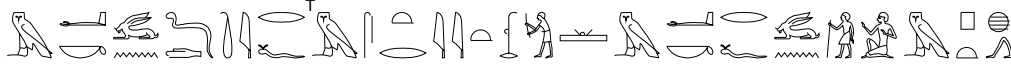
e aterrorizassem os corações daqueles que²⁵ estivessem a fazer as colheitas, e se apropriassem dos animais de tiro com que estivessem a lavar,

20

*dd.f hysi ib.i rmw.k t3 pn š3^c.n.k im.f gr m iwḥ*

ele disse: «Desperta meu coração, e chora por este país onde começaste²⁶! O silêncio é inebriante²⁷!

21

*mk wn ddti r.f m stryt mk r.f wn wr m ptḥ*

Olha! Há qualquer coisa que é preciso dizer²⁸ acerca disto, com respeito²⁹. Olha então! O grande está lançado por terra,

22

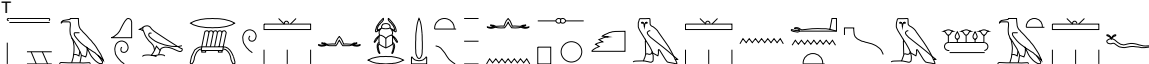
*š3^c.n.k im t3 m wrd mk st hft hr.k ḥ^c.k r ntt m-b3h.k*

no país onde começaste. **Não te aborreças!** Olha, **isso** está em frente ao teu rosto! Possas tu levantar-te contra o que está diante de ti!

*mk r.f wn wrw m shrw nw t3 iryt m tmt iri š3^c r^c m grg*

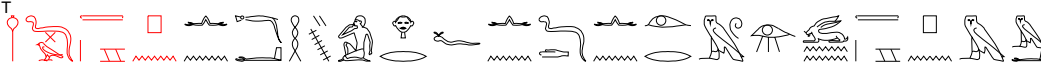
Olha, os governantes estão satisfeitos com o (estado do) país! O que foi feito é como o que não foi feito! Ré deverá começar a recriar!

23

*t3 3kw r-3w n hpr w3dwt nn sp kmw n ḥnt m š3yt.f*

O país³⁰ será totalmente arruinado e nada crescerá e prosperará! Nem mesmo o negro das unhas a que tinha direito³¹!

24

*hḏ t3 pn nn mhḃ hr.f nn dd nn iri rmw wnn t3 pn m-m*

Este país está destruído. Ninguém se preocupa com ele. Ninguém fala. Ninguém faz lágrimas. O que acontecerá a este país?

25

*itn ḥbsw nn psd.f m33 rhyt nn ḥnh.tw*

O disco solar está encoberto³², ele (lá) atrás não será visto pela humanidade³³. Não se vive



h(b)sw šn^c wn.in.s hr-nb idi m g3w.f iw.i r dd

se as nuvens o esconderem³⁴ e se isso acontecer todas as pessoas ficarão paralisadas³⁵ por causa da sua ausência. Eu falarei



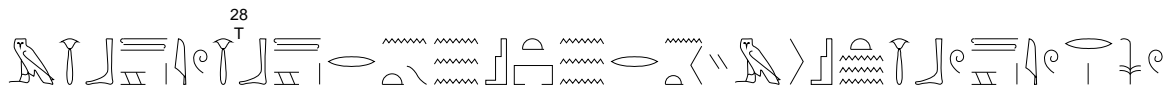
nty hft hr.i n sr.n.i ntt n iy iw itrw šw nw kmt wd3.tw

do que estiver diante do meu rosto e não predirei o que não ocorreu ainda. **Sim, (com) o rio**³⁶ vazio do Egito pode-se atravessar



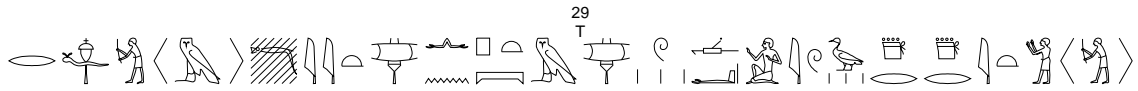
mw hr rdwy iw.tw r hhy mw n h^cw r skd.f w3t.f hpri

a água a pé. Nós vamos procurar água³⁷ para os barcos poderem navegar (porque) o seu caminho fez aparecer³⁸



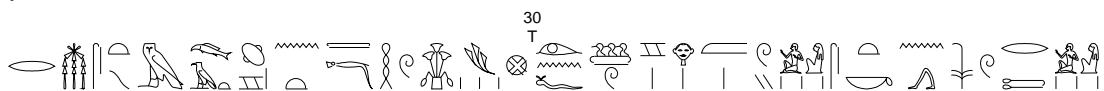
m wdb iw wdb r nty mw st mw r nty m st wdb iw rsw

a margem. É na margem que está a água e no lugar da água é que está o lugar da margem³⁹. O vento do sul⁴⁰



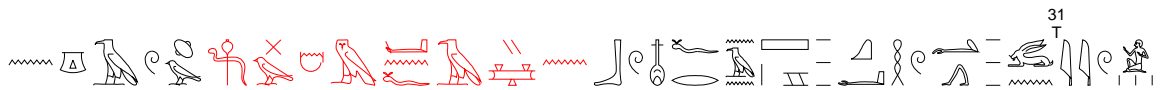
r hsf m mhyt nn pt m t3w w^c iw 3pd drdrit

opor-se-á ao⁴¹ vento do norte: não existirá mais céu de um único vento⁴². Um pássaro estranho⁴³



r mst m h3t nt t3 mh^w iri.n.f sšw hr-gswy stkn sw rmt

nidificará⁴⁴ nas terras pantanosas do Delta, fazendo os seus ninhos próximo dos humanos⁴⁵, porque os homens permitirão a sua aproximação



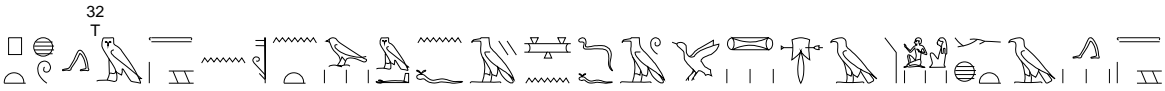
n g3w hdi hm nf3 n bw nfr n3 n šw k^chw wnyw

devido (à sua) debilidade. **Certamente será destruído aquilo** que é bom, estes viveiros de peixe (onde) se encontravam⁴⁶



hr wgs^w wbn hr rmw 3pdw bw nfr nb rwwi

prontos a estripar, brilhando no meio dos (outros) peixes e dos pássaros. Todos os lugares de felicidade partirão,



ptḥw m t3 n ksnt m-ꜥ nf3 n df3w styw ḥtyw-t3

derrubados pelo país⁴⁷ em desgraça; por causa daqueles alimentos, os Asiáticos prevalecerão sobre a terra.



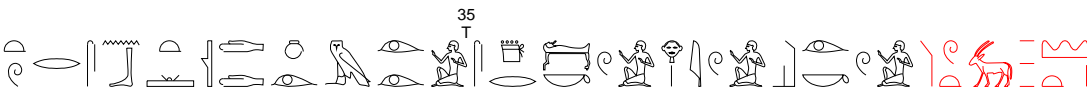
iw ḥrw ḥpr ḥr i3bt iw ʿ3mw h3t r kmt g3w.tw ḥnrt ky r-gs

Os inimigos aparecerão a este. Os Asiáticos descerão ao Egito; falta-nos uma (verdadeira) fortaleza para estar na presença do outro;



nn sꜣm mwnf tw r isk m3kt m grḥ tw r ʿk ḥnrt

a guarda não ouve alguém que caminhe devagar⁴⁸; a progressão⁴⁹ será feita de noite, a fortaleza será penetrada



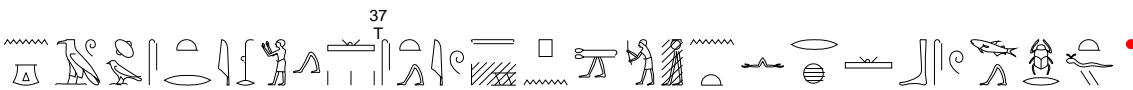
tw r snbt ḳdd m irty.i sdr.kwi ḥr iw.i rs.kwi ʿwwt ḥ3st

e a sonolência dos meus olhos será repelida enquanto eu permaneço deitado a dizer⁵⁰: “Eu estou acordado!” **Os animais selvagens**⁵¹



r swr ḥr itrw nw kmt ḳbb.sn ḥr wꜣb.sn

virão beber⁵² ao rio do Egito; eles refrescar-se-ão⁵³ nas suas margens



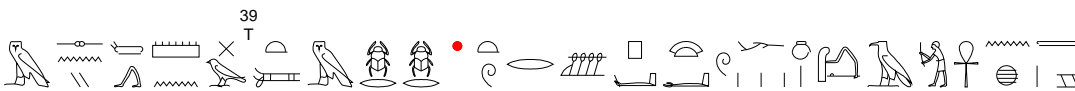
n g3w striw st iw t3 pn [r] it(t) int n rh bsw ḥprt(y).fy

na ausência de alguém que os faça fugir⁵⁴. Esta terra vacila⁵⁵ sem se saber o resultado do que acontece,



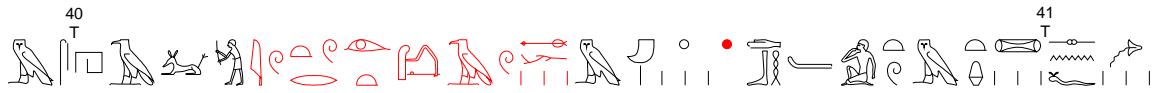
imn m dd ptrw sꜣm ḥr idw iw gr ḥf(t)-ḥr di.i n.k t3

permanecem escondidas de acordo com o que se costuma dizer: “Quando ver⁵⁶ e ouvir paralisam⁵⁷, o silêncio está em frente⁵⁸”. Eu mostro-te⁵⁹ uma terra



m sn-mnt tm ḥpr ḥpr tw r šsp ḥꜥw nw ʿh3 ʿnh t3

em estado de angústia: o que nunca tinha acontecido aconteceu. As armas de guerra serão empunhadas e o país viverá



m sh3 tw r irt h3w m hmt dbh.tw m t snf

em desordem. **Serão fabricadas flechas** em cobre e mendigado pão ensanguentado;



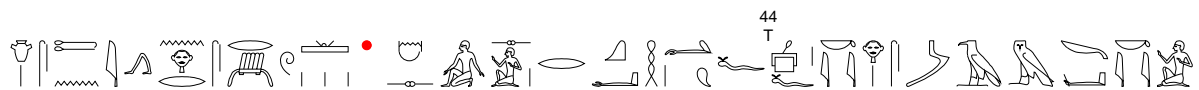
sbt.tw m s(b)t n mr nn rmw.tw n mwt nn sdr.tw

riremos com um riso de dor, não choraremos por causa da morte nem passaremos a noite



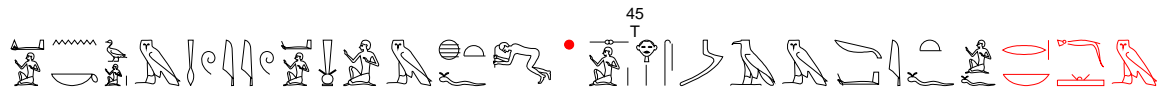
hkr n mwt ib n s m-s3.f ds.f nn iri.tw s3mw min

com fome por causa da morte. O coração de cada homem vem depois dele próprio⁶⁰. Não serão feitas cerimónias fúnebres⁶¹ hoje⁶²:



ib stni n hr.s r-3w hmsi s r k'h.f s3.f ky hr sm3 ky

o pensamento afastar-se-á (?)⁶³ delas⁶⁴ totalmente⁶⁵. Um homem ficará sentado no seu canto de costas, enquanto um homem mata outro.



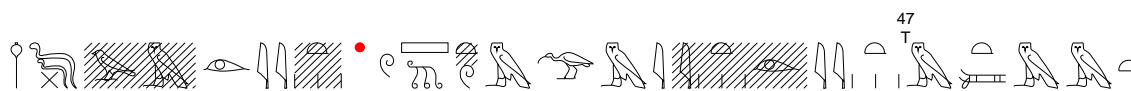
di.i n.k s3 m hrwy sn m hft(y) s hr sm3 it.f r nb mh m

Eu mostro-te um filho como inimigo, um irmão como adversário, um homem que mata o seu próprio pai. **Cada boca estará cheia de:**



mrw wi bw nfr nb rwwi 3kw t3 s3.tw r.f hpw

«Eu quero!»⁶⁶ Tudo **aquilo que é bom**⁶⁷ partirá. Será a ruína do país. Esta terra contra ela terá as leis⁶⁸.



hdd m iryt wš.tw m gmyt iryt m tmmt

Haverá destruição⁶⁹ por causa do que foi feito e desolação por causa do que encontrámos. O que foi feito é como o que não foi feito⁷⁰:



irr.tw nhm ht s r.f rdw n-nty m rwty di.i n.k nb m nhp rwty htp

os bens⁷¹ de um homem foram-lhe tirados e dados ao que é estrangeiro. Eu mostro-te o proprietário a lamentar-se⁷² e o estrangeiro satisfeito.



tm iri mh n.f iri šw tw r rdt ht m msdd r sgr r mdw

Aquele que nada faz, acumula para si; aquele que age, está vazio⁷³.
Damos as coisas com relutância para calar a boca daquele que fala.



wšb.tw ts ˆ prw hr ht mdw.tw m sm3 sw

Respondemos⁷⁴ a um discurso agitando um bastão com o braço e fala-se em matá-lo!



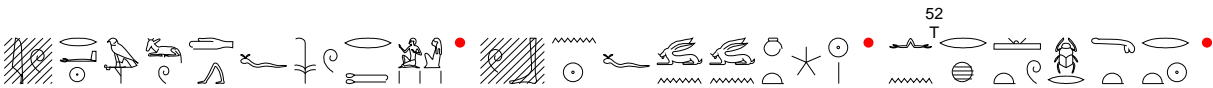
hn mdwt hr ib mi ht nn whd.n.tw pri n r ˆnd t3 ˆš3

As palavras faladas⁷⁵ são para o coração como fogo! Aquilo que sai da boca não pode ser tolerado. O país está na penúria: são numerosos



hrpw.f wš ˆ3 b3kw.f ktt it wr ipt h3i.tw.s m wbn

os seus administradores. Está vazio⁷⁶: são elevados os seus impostos!
Pequena é a quantidade de grão: grande a medida e mede-se em excesso!



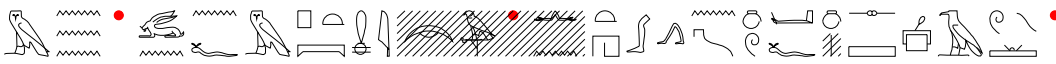
iw rˆ iwd.f sw rmt wbn.f wn wnwt nn rh.tw hpr mtrt

O próprio Ré separar-se-á da espécie humana⁷⁷! Ele erguer-se-á quando for a hora, (mas) ninguém saberá que o meio-dia chegou,



nn tni šwyt.f nn b3k hr dg3.tw iw nn ibh irty

ninguém distinguirá a sua sombra⁷⁸, nenhum rosto se iluminará ao vê(-lo)⁷⁹.
Os olhos não derramarão



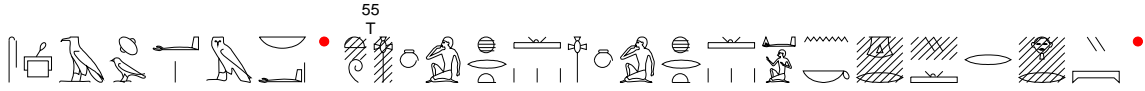
m mw wnn.f m pt mi iˆh nn thi nw.f nw sš3w

água⁸⁰: ele estará no céu como a lua⁸¹. Não se perderá o seu tempo de anoitecer,



wnn is stwt.f m hr m spw m imyw-h3t di.i n.k t3 m sny-mny

na verdade os seus raios⁸² no rosto é do tempo daqueles que eram antes. **Eu mostro-te uma terra em sofrimento:**



s3 ʿ m nb ʿ (iw).tw nd-ḥrt nd-ḥrt di.i n.k ḥry r ḥry

o que tinha um braço fraco é (agora) senhor de um braço (forte); cortejamos⁸³ (quem antes) tinha que cortejar. Eu mostro-te aquilo que está por baixo mais do que o que está por cima:



phr.ti m-s3 phr ht ʿnh.tw m ḥry-ntr iw ḥwrw r irt ʿhʿw

o que viaja depois, move (agora) uma geração⁸⁴. Vivemos na necrópole. O pobre tornar-se-á rico



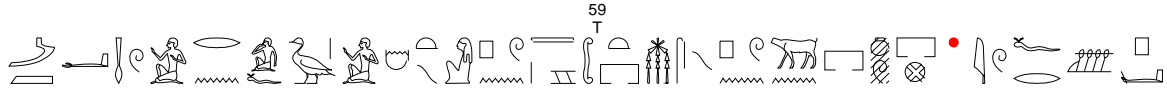
wrt ... r ḥpr in šw3w wnm.sn tw b3kw bhk3w

e o poderoso [recolher-se-á] para sobreviver⁸⁵. Os pobres comem o pão e os dependentes exultam⁸⁶.



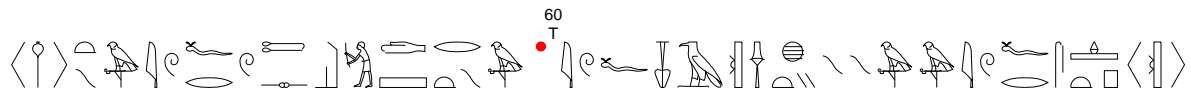
nn wn ḥk3t-ʿd r t3 mshnt nt ntr nb nsw pw r iit n rsy imny

Deixará de existir o «domínio da prosperidade»⁸⁷ na terra, lugar de nascimento⁸⁸ de cada deus. Um rei **virá do Sul**, Ameni⁸⁹,



m3ʿ-ḥrw rn.f s3 ḥmt pw n t3-sty msi pw n ḥnw nḥn iw.f r šsp

justo de voz⁹⁰, é o seu nome. Será filho de uma mulher de Ta-Seti⁹¹, e nascerá no interior⁹² de Nekhen⁹³. Ele receberá



ḥdt iw.f r wts dšrt iw.f sm3 shnty iw.f r shtp

a coroa branca⁹⁴, ele erguerá a coroa vermelha⁹⁵, ele unirá as duas coroas⁹⁶, ele satisfará



nbwy m mrwt.sn phr-ihy m fhʿ wsr m nwdt

os dois senhores, Hórus e Set, com o que eles desejarem, com “aquele-que-anda-à-volta-no-campo” em punho e o “remo” em movimento⁹⁷.



ršy rmt nt h3w.f s3 n s r irt rn.f r nhh hnʿ dt

Os homens do seu tempo ficarão **contentes**. O filho de um homem gerará o seu nome para todo o sempre⁹⁸.



w3yw r dwt k3y sbiw sh̄r.n.sn r.sn n sndw.f

Aqueles que percorrerem o caminho⁹⁹ do mal e planearem rebelar-se, voltaram a sua própria boca para si por temor a ele.



iw 3mw r hr m š̄t.f t̄mh̄w r hr n nswt.f

Os Asiáticos cairão chacinados por ele; os Líbios tombarão por causa da sua chama;



iw sbiw nw ndnd.f h3kw-ib nw š̄šft.f iw r̄t

os rebeldes tomarão o seu conselho e as pessoas descontentes o seu respeito¹⁰⁰. A iaret



imy hnty hr shryt.f h3kw-ib tw r kd inbw-hk3 ʿnh̄ wd3 snb

que está na (sua) cabeça é para pacificar as pessoas descontentes. **Construir-se-ão** os Muros do Rei¹⁰¹, v. p. s.,



nn rdit h3y 3mw r kmt db̄h.sn mw mi sh̄rw šs3w

não permitindo que os Asiáticos desçam¹⁰² ao Egito. Eles pedirão água do modo habitual



r rdit swr ʿwwt.sn iw m3̄t r iit r st.s isft dr sy

para darem de beber ao seu gado. Maat regressará ao seu lugar e o mal¹⁰³ será atirado¹⁰⁴



r-rwty ršy gmhty.f wnnt.fy hr šms nsw iw rh̄ ht

para a parte exterior¹⁰⁵. Alegre-se aquele que vir (isto) e aquele que estiver ao serviço do rei. Aquele que conhece os procedimentos



r stt n.i mw m33.f ddt.n.i hpr

com respeito a isto derramará água para mim quando ele vir o que eu disse acontecer¹⁰⁶. »



NOTAS:

- ¹ Cfr. nota 55 de *Khufu e os Mágicos*; cfr. nota 78 do *Conto do Naufrago*; cfr. nota 31 de *As Admoestações de Ipu-uer*.
- ² Os determinativos da palavra *knbt*, ausente por deterioração no papiro, estão confirmados no óstraco de *Liverpool 13624 M* e no óstraco de *Deir el-Medina 1182* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 6).
- ³ A palavra *hnw* significa genericamente «interior» e, em particular, a «Residência», isto é, o «palácio real» (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 202).
- ⁴ O caracter G. N5 da palavra abreviada «dia», «hoje», 𓆎 , ausente por deterioração no papiro, está confirmado no óstraco de *Deir el-Medina 1183* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 6).
- ⁵ Há aqui a utilização conjunta de dois verbos diferentes que, no entanto, têm o mesmo significado de «trazer»: *st3* e *ini* (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 22 e 255).
- ⁶ A partícula *.in* que marca o passado narrativo do verbo dizer (𓆎), ausente por deterioração no papiro, está confirmado no óstraco de *Liverpool 13624 M* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 7).
- ⁷ Na palavra *tsw*, a letra *w* foi colocada erradamente depois do primeiro determinativo (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 23 e pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 7).
- ⁸ O caracter A. G7 (𓆎) aparece mesmo duplicado: o primeiro é o próprio determinativo da palavra «majestade» e o segundo a primeira pessoa do singular do pronome sufixo, *.i*, para um deus ou pessoa sagrada, «minha majestade».
- ⁹ De facto, o verbo *wḏ3* significa «ser próspero», «estar são e salvo». Para termos o significado de «estar alegre» deveríamos ter *wḏ3-ib*. Contudo, o contexto leva-nos mais para este último significado, mesmo com a omissão de *ib* (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 74-75).
- ¹⁰ O título *hry-hbt* 𓆎 é equivalente a *hry-hbt hry-tp* (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 97).
- ¹¹ A palavra «braço», *g3b*, além de aparecer numa variante em que há uma troca entre o segundo e o terceiro caracter, apresenta no fim dois determinativos invulgares (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 288).
- ¹² A palavra *knj* aparece na tabuinha do *Museu Britânico 5647*, com a seguinte grafia: 𓆎 𓆎 𓆎 . É possível que o caracter em falta no papiro possa ser 𓆎 , G. Y1 (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 10).
- ¹³ Julgamos que a partícula enclítica *m*, ou *m(y)* na sua forma completa, que segue o imperativo do verbo «vir», tem uma função de cortesia: uma ordem do rei é imperativa, é para cumprir, não se contraria, mas o rei ao precisar dos favores de Neferti para matar o tédio, adoça a expressão e introduz-lhe esta nuance de simpatia. O imperativo podia aparecer sem a partícula enclítica, na sua máxima força expressiva (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 99; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 185).
- ¹⁴ A primeira forma do verbo *hpr*, *hprwt*, «o que aconteceu», é um participio perfectivo passivo feminino plural, e não tem desinência especial, para além das do feminino e plural; a segunda deveria ser *hprty.sy* (singular) ou *hprwty.sn* (plural), uma forma do participio activo respeitante ao futuro (*sdmtj.fy*), «o que está para acontecer», que se obtém acrescentando à raiz a desinência *-ty* e é seguido do pronome dependente arcaico *.sy* na terceira pessoa feminina do singular, *.fy* na terceira pessoa masculina do singular ou *.sn* na terceira pessoa masculina ou feminina do plural. O *-y* da desinência pode estar omissa. Normalmente as formas singulares de sentido neutro significam «o futuro» (*hprty.sy*) e o «passado» (*hprt*). Acerca da ausência no papiro por deterioração do *i* da segunda partícula proclítica interrogativa *in*, ela confirma-se no óstraco de *Turim* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 272-281; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, pp. 130-135; G. Lefebvre, *Romans et Contes*, p. 98 nt. 11; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 12).
- ¹⁵ De acordo com o que referimos na nota anterior, há aqui um erro: em vez de *hprty.st* devemos ler *hprty.sy*.
- ¹⁶ Ou seja, o quotidiano ao acontecer transforma-se de imediato em passado e, por isso, também não interessa ao soberano, cujo interesse se centra no futuro. A ausência no papiro por deterioração da preposição *hr*, confirma-se



no óstraco de *Turim* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 12).

















- ¹⁷ Os determinativos em falta no papiro por deterioração na palavra *hry-hbt* confirmam-se no óstraco de *Turim* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 13).
- ¹⁸ A região este do Delta, isto é, a margem oriental do Nilo onde ficava a província de Iunu (Heliópolis), em frente à de Khem (Letópolis), na margem ocidental do Nilo.
- ¹⁹ Claramente uma grafia do adjectivo nisbe *n* + pronome dependente *sw*, com o significado «que é dele», «que lhe pertence» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 88-89).
- ²⁰ Seguindo uma interpretação de G. Posener, G. Lefebvre traduz esta passagem por «que pertence a Bastet no seu oriente», com a justificação de que Neferti teria nascido na região de Heliópolis, mas teria exercido a sua carreira sacerdotal «na parte oriental do Delta», na província de Bast (Bubástis). Lichtheim segue esta opinião, mas Simpson contraria-os traduzindo por «que pertence a Bastet quando ela se levanta». Do ponto de vista geográfico, ambas as regiões ficam na parte oriental do Nilo e do Delta: Heliópolis no vértice do Delta e Bubástis imediatamente a seguir, fazendo fronteira consigo a norte. Portanto, não nos parece que faça grande sentido esta referência geográfica aqui. Por outro lado, o que se encontra grafado no manuscrito é *wbn* (𓏏𓏏𓏏), o verbo «brilhar», «nascer», «levantar» ou «aparecer» uma estrela, um deus..., e não *wbnw* (𓏏𓏏𓏏𓏏), o adjectivo «oriental» ou o substantivo «Este» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 98 nt. 15; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 140; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 23 e pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 13; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 58-59; cfr. J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 14-15).
- ²¹ É uma referência à província de Heliópolis, a 13^a província do Baixo Egipto, através da sua insígnia, assinalada com da presença de G. R12 (𓏏) e não do nome da capital Iunu. A palavra *hk3t*, embora com grafias diferentes, tanto pode significar «ceptro» (𓏏), como «domínio» ou «governo» (𓏏); contudo, segundo Sánchez Rodríguez, apenas neste segundo caso aparece abreviada ao carácter G. S38 (𓏏). Por outro lado, os dois últimos determinativos, G. N23 (𓏏) e G. N36 (𓏏) referem-se a uma terra irrigada e, portanto, próspera, o que nos leva a transliterar o carácter G. V26 (𓏏) por *ʿd*, traduzido normalmente por «ser ou estar salvo» em relação a pessoas e «próspero» em relação a negócios ou casos em geral. Provavelmente por lapso, Golénischeff omitiu a leitura dos dois últimos determinativos, que existem tanto no papiro quanto no Óstraco de *Turim* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 488, 491, 502 e 525; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 51 e 178; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 130 e 307; J. C. SALES, *As divindades egípcias*, p. 434; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, p. 15; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 23 e pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 13).
- ²² O verbo defectivo *iw* (que se conjuga somente na forma *sdm.f*), ausente por deterioração no papiro, confirma-se no óstraco de *Deir el-Medina 1186* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 16).
- ²³ Parece haver aqui um erro: em vez de *kni*, que tem outros determinativos e significados que não se integram no contexto, deve ler-se *ki* (𓏏) (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 277-280).
- ²⁴ Tanto Faulkner como Sánchez Rodríguez traduzem esta palavra por «cimitarra». Na realidade, a cimitarra é uma espada curva com cerca de 90 centímetros a um metro, mais larga na extremidade livre e com o gume no lado convexo. É originária da Pérsia e espalhou-se pelo mundo islâmico no século XIV da nossa era. Contudo, no Egipto faraónico, a partir do Segundo Período Intermediário, século XVIII a século XVII a. C., aparece a *khepech*, já em bronze, uma espada curva semelhante à cimitarra mas que era de uso real e um objecto que simbolizava a vitória e que depois foi usada pelos soldados de infantaria (veja-se, por exemplo, os relevos da luta contra os Povos do Mar no templo de Medinet Habu. Parece, de facto, ter sido oriunda da Ásia (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 190; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 321; «Cimitarra», em *Diccionario Houaiss*, tomo II, p. 931; G. POSENER, *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*, p. 23; J. C. SALES, «Armamento», em *Diccionario do Antigo Egipto*, pp. 88-89).
- ²⁵ A preposição *m* ausente por deterioração no papiro, confirma-se no óstraco de *Deir el-Medina 1187* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXIII; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 16).


















- ²⁶ De facto, existe no papiro a desnecessária duplicação do carácter G. Y1 (𓂏) no verbo *š3c* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 23 e pl. XXIII).
- ²⁷ Isto é, «o silêncio afasta-te da realidade». A tradução de *iwḥ* por «inebriante» é uma proposta nossa. Lefebvre traduz esta palavra por «calamidades», («aquele que se cala nas calamidades...»), mas acrescenta-lhe um ponto de interrogação; Simpson por «delinquente», «transgressor», «malfeitor», («...por aquele que com o seu silêncio é um malfeitor»); Lichtheim por «mal», («quando existe silêncio antes do mal...»); Fermat e Lapidus por «inundação» na tradução que acompanha a transcrição hieroglífica («o silêncio é como a inundação») e, depois, quando dão forma literária ao texto, transformam-na em «mal», («calamo-nos diante do mal»), embora acrescentem «tradução hipotética». Esta transformação é estranha, já que no Egipto a inundação era um bem e não um mal. A primeira coisa que constatamos é que a palavra 𓂏𓂏𓂏 *iwḥ*, não se encontra nos dicionários. As que mais se aproximam são: *iwḥ* (𓂏𓂏𓂏), «irrigar», «humedecer», «humidificar», «molhar», «ensopar», «empapar», «embeber», «injectar» um remédio líquido; *iwḥ* (𓂏𓂏𓂏𓂏), «humidificação» (?); *iwḥw* (𓂏𓂏𓂏𓂏), «inundação». Afastamos esta última hipótese de imediato, porque no caso vertente não temos nem a palavra no plural, nem o determinativo G. N35A, (𓂏𓂏𓂏), indicativo de água, líquido, acções ligadas com água e similares. Apenas numa destas palavras aparece o determinativo G. A24 (𓂏), um homem a bater com um pau, usado como determinativo de palavras como «apropriar», «saquear» «bater», «forte». Por seu lado, G. W22 (𓂏), um jarro de cerveja, não aparece em nenhuma delas, mas é o determinativo utilizado para «cerveja», «estar bêbado», «jarro» e outras palavras relacionadas com líquidos. Deste modo, parece-nos um termo relacionado com o estado em que se fica devido à ingestão exagerada de cerveja, que embriaga, que entontece, que desfoca a realidade. Curiosamente, o étimo latino do verbo «inebriar» é *inebrīā, ās, āvi, ātum, āre*, «embriagar», «embebedar», por extensão, «encher» de um líquido, «embeber» «humedecer», «alagar» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 99; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 140; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 70 e 222; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, p. 26; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 79-80; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 14; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 445, 490 e 530; *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, p. 2087).
- ²⁸ Aqui, a palavra *wn* não é um auxiliar de enunciação, mas um verbo de sentido pleno, o verbo «existir», com valor prospectivo, isto é, marcando o futuro, próximo ou potencial, e referindo-se a uma acção verdadeira, mas que depende da acção de alguém. E *ddi* é o verbo «dizer», «falar», na sua forma relativa prospectiva feminina neutra (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 297-298; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, p. 156).
- ²⁹ Pensamos que possa ser uma forma causativa da palavra *tryt*, que tanto pode ser um nome como um verbo, «respeito»/«respeitar» (𓂏𓂏𓂏𓂏), podendo a ligeira diferença no penúltimo carácter, G. A24 por G. A30, ficar a dever-se à difícil leitura do signo hierático que, como aqui, tem diversas situações em que ambos os casos são exactamente iguais (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 211-212; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 300; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 471; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 23 e pl. XXIII; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, 3a-3b).
- ³⁰ Na realidade, a linha 23 é uma das seis colunas existentes neste texto. Encontra-se na segunda «página» do papiro, do seu lado esquerdo, estendendo-se verticalmente no espaço que se segue à primeira linha dessa página, a décima segunda linha do computo geral, e descendo até ao fundo da penúltima linha, a vigésima primeira (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 23 e pl. XXIII).
- ³¹ Ou seja, se nada crescia e prosperava não havia trabalho e, portanto, não havia um mínimo de recursos. Trabalhar na maior parte das actividades braçais provoca, obviamente, mãos calejadas e unhas negras de sujidade, seja a agricultura, a metalurgia, a pesca, a construção, ou qualquer outra actividade similar.
- ³² A palavra *ḥbsw*, com estes determinativos (𓂏𓂏), não aparece em nenhum dos dicionários consultados. O termo mais aproximado é o verbo *ḥbs* (𓂏𓂏𓂏) que pode significar «vestir», «cobrir», «obscurecer» e cujo participio imperfectivo passivo plural é *ḥbsw* (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 167; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 290; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, p. 147). No óstraco *Michailides 9*, da XIX dinastia, esta palavra surge com a grafia 𓂏𓂏𓂏𓂏. Embora Gardiner diga que G. V6 (𓂏) só terá sido usado para substituir G. S28 (𓂏) a partir da XIX dinastia, pensa-se que o *Papiro 1116B* seja da XVIII dinastia, podendo existir aqui uma ligeira imprecisão, de um ou de outro lado (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 522; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfirtj*, p.



21; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pp. 3, 24 e pl. XXIV). Lefebvre, Lichtheim, Simpson, Parkinson e Fermat e Lapidus traduzem por «oculto», «encoberto» (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 99; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 140; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 135; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 71 e 224).

- ³³ Neste sentido, a palavra *psd* () é uma variante de *psd*; *psd* ( ; ). Conforme Golénischeff, Helck e Fermat e Lapidus fazem crer, não nos parece que a palavra grafada seja  . A caligrafia dos escribas pode levar-nos a pequenas imprecisões de interpretação dos documentos manuscritos. Para nós faz mais sentido a utilização de G. F37 (), como «costas», «atrás», do que a utilização de um plural após o determinativo (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 467; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 95; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 185; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 24 e pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 21; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 224).
- ³⁴ É a mesma palavra com que termina a linha 24, apresentando um erro de omissão.
- ³⁵ Outra palavra que não consta dos dicionários. A palavra *idi* () tanto pode ser o verbo «ensurdecer» como o substantivo «surdo». Mas o que temos aqui é  , onde o determinativo G. Y1, usado entre outras coisas para noções abstractas, faz toda a diferença (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 35; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 110; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, p. 41). Lichtheim afirma que aqui este termo indica mais «a paralisação da visão e da audição, do que apenas a surdez». Parkinson, Simpson e Lefebvre concordam com ela (M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, pp. 140 e 144 nt. 3; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 136; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 99).
- ³⁶ A forma auxiliar do verbo, *wi*, reforça a afirmação e dá mais vigor à descrição. A palavra *itrw*, «rio», está mal escrita. Correctamente ela escrever-se-á  , podendo ter diversas variantes. Com estes dois determinativos finais, Caminos apresenta-a na quinta linha de um dos fragmentos de «Os prazeres da pesca e da caça» com a grafia  , mas no *Papiro 1116B recto* não parece haver espaço para o grupo  na área deteriorada (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 33; R. A. CAMINOS, *Literary Fragments in the hieratic script*, pl. 3 e 3A, secção B, páginas 4-5; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV).
- ³⁷ Os caracteres *hh* da palavra *hhy*, «água», ausentes por deterioração no papiro, confirmam-se no óstraco de *Deir el-Medina 1074* e no óstraco *Petrie 38* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 24).
- ³⁸ O «caminho» do rio é o seu «curso». O verbo *hpr* surge aqui na sua forma verbal relativa prospectiva feminina através da desinência *.ti*, para marcar um acontecimento que se realizará no futuro próximo, ou que, pelo menos, se perspectiva a possibilidade de vir a acontecer (A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 303-304).
- ³⁹ O último carácter do adjectivo relativo (*nisbe* derivado do adjectivo do genitivo feminino *nt*) *nty* e a preposição *m*, ausentes por deterioração no papiro, confirmam-se no óstraco de *Deir el-Medina 1074* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 24).
- ⁴⁰ Curiosa grafia de *rsw* que correctamente se escreve  . Parece que o desconhecimento da grafia correcta da palavra levou o escriba a soletrar a palavra e a tentar escrevê-la letra a letra. E mesmo assim... Não abona muito em favor do escriba.
- ⁴¹ A preposição *m*, ausente por deterioração no papiro, confirma-se no óstraco *Petrie 38* (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 25).
- ⁴² Depois da ausência da luz, a ausência de água e ar calmo. A ausência de meios básicos para assegurarem a vida, através de uma previsão quase apocalíptica, dá uma visão do caos que se poderá instalar.
- ⁴³ Confirma-se no óstraco de *Deir el-Medina 1074*, que o determinativo em falta neste local, por causa do mau estado do papiro, é  , G. A30 (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 25; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, pl. XXIV). Contudo, nos dicionários consultados, surgem as palavras *drdri* e *drdry* ( ; ), para «estrangeiro», *drdryt* (), para «estranho» e *drdrw* (), para «estrangeiro» e «estranho», nenhuma ver-



- dadeiramente igual à que surge no *Papiro 1116B recto*. Aparentemente, estas palavras formam-se a partir do redobramento da raiz *dr/dr[w]* ( / ), que significa «limite», «fim», «fronteira», como que a intensificar esta ideia. E qualquer um dos significados é correcto: é um pássaro que vem do outro lado das fronteiras egípcias, portanto é estrangeiro, mas como ele não tem nada de comum com os pássaros conhecidos é, também, estranho. Estes pássaros, que nidificarão nos pântanos do delta, são, obviamente, os invasores asiáticos contra os quais a miséria egípcia impede os Egípcios, os «humanos», de resistir. Aliás, também se pode aplicar à investida dos invasores a palavra «forte», que surge da mesma raiz: *dri*,  (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 323-324; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 500-501).
- ⁴⁴ Neste caso a preposição *r* indica uma condição futura e o substantivo *mst*, «mãe», surge sem o seu determinativo específico (), substituído por um determinativo que omite o objecto. Como não se diz «um pássaro estranho será mãe» o mais correcto poderá ser «um pássaro estranho fará nascer» ou «dará origem»; mais correcto ainda será utilizar a palavra que, no caso das aves, existe para expressar o acto de fazer um ninho, pôr ovos e dar origem a novos seres: «nidificar». Foi este o caso: os asiáticos instalaram-se, reproduziram-se e dominaram (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 97-98; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 116).
- ⁴⁵ A palavra *hr-gs[w]* () significa «ao lado de», «perto de», mas com os determinativos  , de «humanidade», «homens» ficará «próximo dos humanos» (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 149-150).
- ⁴⁶ Na palavra *wnyw*, o particípio imperfectivo activo masculino plural do verbo *wn*, o determinativo de homem é um erro.
- ⁴⁷ Neste manuscrito, a palavra *t3* () aparece sempre com os determinativos trocados (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXIV).
- ⁴⁸ Sublinha-se a negligência dos guardas.
- ⁴⁹ A palavra *m3kt* pode significar «escada de mão» e «progressão», daqui a nossa opção por «escalada». Neste manuscrito é empregue frequentemente o pronome indefinido *tw* encabeçando a construção *tw r sdm* (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 46, 254 e 41-42).
- ⁵⁰ No 3º ponto do § 396 da sua gramática, Lefebvre diz que a locução *hr dd* (), «a dizer», não é de uso corrente sendo frequentemente substituída por *r dd* (). Contudo, acrescenta, desde o médio egípcio que esta locução sofre a elipse de  ficando reduzida a  (G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, p. 201).
- ⁵¹ Faz mais sentido «animais selvagens» do que «animais do deserto», para referir metaforicamente os invasores, sem os confundir com os Beduínos, embora ambos sejam símbolos do caos.
- ⁵² A preposição «de» (origem) e a primeira letra do verbo «beber» a encarnado é, certamente, uma distracção do escriba.
- ⁵³ O character praticamente ilegível no papiro, confirma-se ser G. Z2, o determinativo de plural, no óstraco *Vandier*, onde esta palavra tem exactamente a mesma grafia (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 31).
- ⁵⁴ A palavra *stri* não consta nos dicionários. Julgamos ter aqui a consoante *s* a dar sentido causativo ao verbo *tri* (), que significa «respeitar», fazendo surgir o verbo causativo «fazer respeitar». Contudo, o verbo em questão ainda tem mais três determinativos (): o último é o determinativo de plural, o penúltimo o de conceitos abstractos e o antepenúltimo o de «andar», «avançar», «partir», «correr» e similares. Ora, quem faz alguém fugir porque invade o que é seu, impõe respeito. Eis as razões que justificam a nossa opção de tradução que, aliás, é semelhante à de outros tradutores, com a diferença de nenhum deles justificar o seu raciocínio (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 211-212, 457, 533 e 535-536; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 300-301; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 471; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 101; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 141; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 237; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 230; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 136). Por outro lado, a palavra que se segue, *st* (), ou está grafada com um erro ou a caligrafia do escriba induz ao erro. Não só não existe tal palavra nos dicionários, como no fim da frase só pode ser um pronome dependente, terceira pessoa do plural comum ao masculino e ao feminino, complemento directo do verbo anterior, cuja grafia é  (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 45-246).
- ⁵⁵ Cfr. R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 34. A preposição em falta surge no óstraco de *Deir el-Medina 1074* e na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, aparecendo neste último o verbo *iti* no feminino e no plural (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 31).
- ⁵⁶ O determinativo do verbo *ver*, em falta no papiro, confirma-se no óstraco *Vandier* e na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 31).





- ⁵⁷ Cfr. nota 37.
- ⁵⁸ Como *m dd* prenuncia a presença de um dito popular ou de um provérbio, deve haver uma causalidade entre estas duas frases. Na palavra *hft* falta o *t* (𓏏 ou sua variante 𓏏).
- ⁵⁹ O verbo *rdi*, cujos sentidos mais frequente são «dar», «pôr», «permitir» ou «enviar», aparece aqui com o significado de «dar uma visão», ou seja, «mostrar».
- ⁶⁰ Sobre o facto de o coração ser para os egípcios antigos a sede do pensamento, já antes fizemos referência, noutros textos, nomeadamente no *Conto do Camponês Eloquentemente*, nota 27.
- ⁶¹ À palavra *s3mw* são atribuídos diversos significados. Gardiner e Menu dizem significar «luto», mas escrevem 𓏏𓏏𓏏 e transliteram *s3mt*; Faulkner traduz a mesma transliteração por «madeixa de cabelo», que escreve 𓏏𓏏𓏏𓏏 e diz estar conforme o exemplo de Neferti, 42; Sánchez Rodríguez, para a mesma grafia e transliteração de Gardiner, dá como significados «aflição» e «madeixa de cabelo». Lichtheim, Parkinson, Lefebvre traduzem por «luto» ou «cerimónias de luto»; Fermat e Lapidus por «lamentações funerárias»; Simpson por «cabelo». Por outro lado, a grafia 𓏏𓏏𓏏𓏏, que aparece em Golénischeff, Helck e Fermat e Lapidus, onde, aparentemente e segundo o que verificámos em Goedicke, o carácter G. G14 (𓏏) não pode ser confundido com o carácter G. G17 (𓏏), nem a terminação 𓏏 com 𓏏, não pode ser comprovada com fidelidade por actualmente o manuscrito se encontrar degradado nessa passagem. O determinativo de cabelo, G. D3 ou G. D3A (𓏏 ou 𓏏), também aparece na palavra *3kb* (𓏏𓏏𓏏) que significa «chorar», «carpir», «fazer luto por». No contexto do texto, faz mais sentido falar de «luto» ou «cerimónias fúnebres», uma vez que se acabou de dizer que não se chorará a morte nem se jejuará por ela, do que falar de cabelos; «ninguém arranjará o cabelo hoje» não faz, para nós, qualquer sentido. Além do mais, não devemos esquecer que as cerimónias fúnebres eram fundamentais para a crença egípcia de uma boa existência no outro mundo. Consideramos, assim, mais importante a coerência contextual, passando para segundo plano uma hipotética incorrecção de leitura do egípcio hierático (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 450 e 588; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, p. 177; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 210; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 350; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 142; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 137; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 101; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 75 e 233; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 236; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 15a-15b; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 24 e pl. XXIV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 34).
- ⁶² «Hoje», numa frase que se refere ao futuro não fará muito sentido, pelo que jogamos com uma subtileza da língua portuguesa que, provavelmente, como se vê neste exemplo, também poderia ocorrer em egípcio: «hoje» é o mesmo que «este dia». Como a frase está no futuro, subentende-se com facilidade «quando este dia chegar».
- ⁶³ Não encontramos a palavra *stni* em qualquer dicionário, ou qualquer outra semelhante na sua raiz. Com base no contexto, no determinativo final e nas propostas de outros tradutores, atribuímos-lhe o significado de «afastar-se» (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 457; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 142; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 137; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 102; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 75 e 233; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 238).
- ⁶⁴ Embora o pronome sufixo esteja na 3ª pessoa feminina singular, Faulkner informa que, excepcionalmente, pode também ser usado para a terceira pessoa do plural (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 205).
- ⁶⁵ Em relação a *r-3w* cfr. A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 79.
- ⁶⁶ Pelo contexto, que fala de carestia e necessidade, não faz sentido traduzir por «ama-me!».
- ⁶⁷ A mesma expressão na linha 31.
- ⁶⁸ O carácter em falta na palavra *3kw* devido à deterioração do papiro confirma-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 326*; o pronome dependente *.tw*, em falta um pouco mais à frente pela mesma razão, também se confirma na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*; a terminação da palavra *hpw* cuja deterioração do manuscrito torna também inexistente, aparece no plural na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 331* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 37).
- ⁶⁹ Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se: o determinativo de *hdd* na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 331*; a preposição *m* e a terminação feminina plural de *iryt*, no óstraco *Gardiner 331*; o *t* do pronome dependente *.tw*, a terminação feminina plural da forma verbal *gmyt* e a raiz da forma verbal *iryt*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 37).



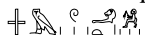




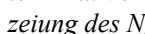
- ⁷⁰ A mesma expressão na linha 22.
- ⁷¹ Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se: os determinativos a palavra *ht*, «coisas», 𓂏𓂏 , na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*; o pronome sufixo *.i* do verbo *rdi/di*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, no óstraco *Gardiner 326* e no óstraco *Gardiner 331*; o *p* do verbo *nhp* no óstraco *Gardiner 326* e no óstraco *Gardiner 331*, embora a palavra apresente outras grafias (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 38).
- ⁷² Ao verbo *nhp* foi suprimido o determinativo. As duas hipóteses mais plausíveis neste contexto são: 𓂏𓂏 , «lamentar-se» e 𓂏𓂏 , «preocupar-se». A primeira parece mais de acordo com o estado de espírito de quem fica sem os seus bens (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 135).
- ⁷³ Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se: o bilítero *šw* (β) e a forma verbal *rdt*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, no óstraco *Gardiner 331* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189*; a palavra *ht*, «coisas», embora com uma grafia (𓂏𓂏) diferente daquela que, provavelmente, teria aqui (𓂏𓂏), no óstraco *Gardiner 331* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189*; a preposição *r* na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 331*; o determinativo da palavra *sgr* na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 39).
- ⁷⁴ Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se: o determinativo G. Z9 (\times) do verbo *wšb*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*; o caracter G. O34 ($-$) da palavra *ts*, no óstraco *Gardiner 326*, no óstraco *Gardiner 331* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189*; a palavra *mdw* e o *t* do pronome dependente *.tw*, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 326* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 39).
- ⁷⁵ Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se: o determinativo G. A2 (𓂏) da palavra *hn*, no óstraco *Gardiner 331* e no óstraco de *Deir el-Medina 1189*; a palavra *nd*, cujos quatro caracteres se vêem parcialmente, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 42).
- ⁷⁶ Dos caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se duas das três situações desta linha: o determinativo G. Y1 (𓂏) da palavra *wš*, no óstraco *Gardiner 326*; a última consoante e o determinativo da palavra *wbn* (𓂏), na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 42).
- ⁷⁷ Frase de duplo sentido: um apelo directo a um dos seus principais mitos e, conseqüentemente, ao papel estabilizador do faraó; a visão do caos entre os homens provocado pela alteração do sol a nível físico. O demiurgo, Ré-Atum, criou o céu e a terra (o ser) a partir do caos, das trevas e da humidade pré-existentes (o não-ser ou oceano primordial), estabelecendo assim a ordem primordial. Governados por Ré, os deuses viviam inicialmente na terra com os homens, mas depois destes terem conspirado contra o deus-sol e de serem violentamente reprimidos por Sekhmet, a deusa leoa identificada com o olho do Sol e pelos seus «massacradores», o criador acabou por entregar o governo de tudo o que estava «à volta do Sol» ao «filho de Ré», o faraó, e os deuses retiraram-se da terra. A ordem, não só a terrena mas também a demiúrgica, competiria a partir de então ao rei, que tinha a obrigatoriedade de manter ou repor a harmonia primordial, uma vez que a ordem que a caracterizava estava permanentemente ameaçada pelas forças que se lhe opunham (era a luta constante entre o ser e o não-ser). Do ponto de vista físico o Sol acaba por ser comparado à Lua, sendo desprovido de calor e de luz própria. Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: a partícula introdutória *iw* (𓂏) e os dois primeiros caracteres (𓂏) do verbo *wbn* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 43).
- ⁷⁸ Não é propriamente a sombra do sol (que no Egipto também existia percorrendo o mundo inferior durante a noite), mas a sombra que a sua incidência provoca na parte não iluminada dos objectos, eventualmente, até com a intencionalidade de se referir a casos específicos de caos: a falta da sombra, uma das componentes do indivíduo ligada ao *ba* e funcionando como uma companhia silenciosa e protectora que ligava o indivíduo à terra (o *ka*, o *ba*, o *akh*, o nome e a sombra, formavam a personalidade completa e harmónica do ser humano), e a impossibilidade de medir o tempo, devido ao facto de os relógios de sol não funcionarem. Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: o determinativo final, G. G41, do verbo *tni* (𓂏), o determinativo final G. Y1 do verbo *bšk* (𓂏) e a partícula introdutória *iw* (𓂏). No final da linha 52 é provável que não falte nada (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 43; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXV; E. HORNUNG, *L'Esprit du Temps des Pharaons*, pp.181-197; R. F. SOUSA, «Sombra», em *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 797; G. POSENER, *Dictionnaire de la civilization égyptienne*, p. 70).
- ⁷⁹ Iluminar no sentido de «deslumbrar», «ficar radioso», mas também «desprovido de iluminação».
- ⁸⁰ Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: a palavra









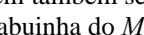
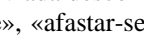


«lua», *iḥ* (), a partícula negativa *nn* () e a marca de ideograma G. Z1 do genitivo indirecto masculino plural *nw* ⁽¹⁾ (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, pp. 43-44).



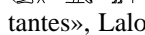

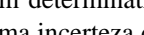
⁸¹ Existindo sem luz própria já poderá ser fixado sem provocar qualquer lacrimejar.

⁸² Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: os caracteres *wt* da palavra «raios», *stwt* () e o determinativo G. A51 () da palavra composta «passado», *imyw-h3t* () (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 44).


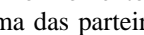
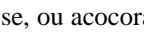

⁸³ Neste caso, o pronome indefinido *tw* não encabeça a construção *tw r sdm*, pelo que seria necessário ter uma partícula introdutória, uma vez que para além daquela construção, o pronome indefinido não deve encabeçar uma frase (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 46, 254 e 41-42). Os caracteres em falta por deterioração do papiro confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: os caracteres *wt* da palavra «raios», *stwt* () e o determinativo G. A51 () da palavra composta «passado», *imyw-h3t* () (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 46).

⁸⁴ Neste contexto não nos parece, por um lado, que seja um jogo de palavras entre «costas» e «ventre»; por outro, embora a palavra *ht* não tenha os determinativos habituais de multidão, ou de plural ( ; ), estamos em crer que o determinativo G. A1 () está presente para indicar o «homem» em termos colectivos e não de forma singular. Os caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: a preposição *r* () e o caracter G. Z7 () da palavra «rico», *ḥw* () (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 47).

⁸⁵ Os caracteres em falta por deterioração do papiro no início desta linha são totalmente irrecuperáveis uma vez que os dois outros registos desta passagem também se encontram irrecuperáveis neste ponto: o óstraco *Gardiner 326* está em branco nesta passagem e a tabuinha do *Museu do Cairo 25224* apresenta  , o que, eventualmente, poderia ser uma grafia abreviada desconhecida da hipótese que avançamos de seguida. No papiro poder ter estado a palavra *nḥm*, «retirar-se», «afastar-se», «recolher-se», «ir-se embora», com a grafia  , uma vez que há espaço para os caracteres perdidos e, segundo o que observámos em Goedicke, o caracter cursivo G. N41 () poder ser muito semelhante ao caracter G. D21 (). Além do mais, seria um termo que estaria a contexto. (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 47; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, 6a-6b e 27a-27b).


⁸⁶ Os caracteres em falta por deterioração do papiro no final desta linha confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*: o caracter G. G1 () e o caracter G. Z2 (), o *3* e o determinativo de plural da palavra *bḥk3w* (), mais uma que não consta em qualquer dos dicionários consultados. Parkinson traduz por «exultantes», Lalouette por «estarão na alegria», Lefebvre por «exaltados» e diz que é uma palavra de que só há este registo, isto é, um hápax, Lichtheim também traduz por «exaltados», Fermat e Lapidus optam por «insolentes» e Simpson e Erman deixam um espaço em branco. Pelo panorama caótico apresentado e pela presença do determinativo G. A28 (), que aparece em palavras como «alegria», «exaltar», «enaltecer», «exultar», «regozijar-se», «festejar», pensamos que seria esse o estado de espírito dos dependentes subitamente libertos de qualquer controlo. Em todo o caso, também é um determinativo que aparece na palavra *h3i*, (), «chorar», «carpir», «lamentar-se», o que nos deixa alguma incerteza de poderem estar alegres ou, pelo contrário, lamuriosos em virtude da ausência de directivas, de orientação. Em todo o caso, o mundo «ao contrário» que nos é apresentado faz-nos pender mais para a primeira hipótese (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 47; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 138; C. LALOUETTE, *Textes sacrés et textes profanes de l'Ancienne Egypte*, vol. I, p. 73; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 103; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 143; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, p. 239; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 239; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 115; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 445).

⁸⁷ Província de Heliópolis (cfr. nota 23).

⁸⁸ Com a presença do determinativo G. I12 (), aparentemente teríamos aqui a deusa Meskenet que presidia aos partos protegendo os recém-nascidos, tanto humanos como divinos, assumindo-se também como deusa do destino, predizendo o futuro às crianças no momento do seu nascimento. Por exemplo, na companhia da deusa da água Heket, todas as manhãs era uma das parteiras presentes no nascimento do Sol. Todavia há duas questões que se levantam. Por um lado, a grafia do seu nome sofreu uma alteração: o habitual tijolo do parto existente no seu nome (as parturientes sentavam-se, ou acocoravam-se, num banco de tijolos próprio para o efeito, de modo a que a gravidade ajudasse ao nascimento da criança), o caracter G. O39 (), foi substituído por G. Z5 (), um caracter que era usado no médio egípcio para substituir caracteres de difícil execução, o que não é o caso ou, em textos hieráticos da XVIII dinastia, para substituir o caracter G. B3 (), o que pode ser o caso, não num nome próprio mas na designação de um lugar. Aliás, esta palavra com esta grafia aparece já na linha







seguinte do texto. Faulkner confirma a existência da substituição para além dos nomes próprios. Por outro lado, do ponto de vista gramatical a palavra que deveria ser o nome de uma deusa faz parte de um genitivo indirecto como substantivo que rege. E porque *mshnt* é uma palavra feminina, a base de ligação está no feminino, *nt*, e antecede imediatamente o substantivo regido *ntr*. Portanto, *mshnt* é «qualquer coisa» que é «do deus», ou melhor «de cada deus» (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 304 e 326-327; B. BRIER e H. HOBBS, *Daily Life of the Ancient Egyptians*, pp. 235-236; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 116-117; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 65-66 e 537).

⁸⁹ Ameni é um nome hipocorístico, isto é, um diminutivo carinhoso, de Amenemhat, neste caso Sehetepibré Amenemhat (), «Amon comanda» «Satisfeito está o coração de Ré», o fundador da XII dinastia que vulgarmente designamos por Amenemhat I (G. LEFEBVRE, *Grammaire de l'Égyptien Classique*, pp. 37-38; P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, p. 78).

⁹⁰ Embora se relatem acontecimentos do final do Primeiro Período Intermediário e se preveja o aparecimento do rei salvador, é bom não esquecermos que o «profetismo» egípcio é-nos apresentado *a posteriori*: este texto foi redigido na XVIII dinastia, muito tempo depois de Amenemhat I ter existido e embora se desconheça o original, julga-se que deve ter sido idealizado no início da XII dinastia, provavelmente ainda em vida do rei ou pouco depois da sua morte. Fica a incerteza se este epíteto já estaria no original ou se é da responsabilidade dos escribas da XVIII dinastia.

⁹¹ Este nome, que se pode traduzir por Terra do Arco, designava de uma forma geral a Núbia, os territórios localizados a sul de Elefantina, que se dividiam em Baixa Núbia (Uauat) e Alta Núbia (Kuch) e, pela proximidade, foi o nome atribuído à 1ª província do Alto Egípto, cuja capital era Elefantina e se estendia da 1ª catarata até uns quilómetros a norte de Kheni, a actual Gebel el-Silsila, onde o curso do rio estreita consideravelmente devido à existência de íngremes falésias de arenito (J. C. SALES, *As Divindades Egípcias*, p. 435; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 14-15 e 75; C. C. CORREIA, «Núbia», em *Dicionário do Antigo Egípto*, pp. 629-630; B. MANLEY, *Atlas historique de l'Égypte ancienne*, pp. 45, 50, 52-53, 55, 69 e 75; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 253).

⁹² Na palavra *hnw* há uma troca de caracteres: o determinativo G. O1 () deveria vir no fim da palavra, depois de G. W24 () e G. Z7 (),  . Estes dois últimos dois caracteres em falta por deterioração do papiro, confirmam-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 202; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 49).

⁹³ É uma referência ao Sul do Egípto, sem que possamos traduzir directamente por «Alto Egípto» (Lefebvre e Lichtheim) ou «Sul do Egípto» (Parkinson). De certa forma é um «sebastianismo», um apelo ao aparecimento de um salvador que, como sempre aconteceu no Egípto, viria do Sul, mais protegido de invasões. Actualmente a designação Nekhen é Kom el-Ahmar («O Morro Vermelho»), mas os Gregos chamaram-lhe Hieracômpolis, «A Cidade do Falcão». Foi a capital da 3ª província do Alto Egípto, tendo desempenhado papel de destaque nas Épocas Pré-Dinástica e Arcaica (dinastias 0, I e II), tempo dos primeiros reis egípcios, altura em que o nome real se apresentava apenas com o nome de Hórus inscrito num *serekh* com um falcão no topo, como estes exemplos:

Hórus Ka



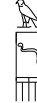
Hórus Aha





Hórus Djer
















Hórus Djert



Não é o simples facto de no sistema egípcio o Sul ter precedência em relação ao Norte que torna esta referência importante. A mãe do rei é sobretudo uma referência mitológica à «Deusa Afastada» que quando Sírio, a estrela mais brilhante da constelação do Cão, aparece, no momento da Inundação, vem do Sul sob a forma de um leão. A filha do criador, que se retirara para o Sul, longe do Egípto, regressa para restaurar a ordem (R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 138; P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 16 e 26; T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem e sobrevivências», p. 43; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 142; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 104; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 143; J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 78-79; L. ARAÚJO, «Onomástica real», em *Dicionário do Antigo Egípto*, pp. 642-649).

⁹⁴ O primeiro e o último carácter desta nossa linha são inexistentes no papiro ou em qualquer outro documento complementar. No papiro estão em linhas por cima uma da outra correspondendo a duas falhas (rasgões) de diferentes tamanhos. Em relação ao primeiro, o espaço em falta, os caracteres existentes e o contexto permitem imaginar que o carácter possa ter sido o bilítero *hd* (); sobre o segundo, pelas mesmas razões, é possível que fosse o carácter G. Y1 colocado verticalmente () (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, pl. XXV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 49).



- ⁹⁵ As coroas eram dos principais símbolos da realeza egípcia:  *hdt*, a coroa branca do Alto Egipto;  *dšrt*, a coroa vermelha do Baixo Egipto; e  *shmty*, a dupla coroa ou, literalmente, «as Duas Poderosas», que exprimia a união de *w3dyt* () , génio da coroa vermelha do Norte que simbolizava a deusa Uadjet que tutelava o Baixo Egipto, com *nhbt* () , génio da coroa branca do Sul, simbolizando a deusa Nekhbet, protectora do Alto Egipto. Por tradição e via grega aparece usualmente antecedida de um artigo definido, *p3-shmty*, de onde surge a habitual designação *pchent*. No fim do Império Médio surge a coroa azul, *hprš* () , usada sobretudo em cerimónias militares (a propósito da coroa *kheprech*, repitam-se aqui as palavras de Sales no Dicionário do Antigo Egipto: «...era uma espécie de capacete, de cor azul, com pequenos círculos dourados pintados ou incisos, usada pelo faraó em cerimónias de aparato militar. Por ser esculpida e pintada em muitos relevos egípcios, por vezes até em cenas de combate, tem sido erroneamente designada como “coroa de guerra”. Não se deve, no entanto sugerir a sua efectiva utilização pelo faraó no campo de batalha. Se quisermos, a sua ostentação pelo faraó está, no âmbito da ideologia real egípcia, como as condecorações de guerra estão para um militar»). Com uso *post mortem*, podemos ainda falar da coroa real osiriaca *3tf* () , e da coroa com plumas de Amon, *šwty* () . O rei usava ainda o *nms* () , um pano listado que lhe cobria a cabeça e caía sobre os ombros. Não era uma coroa mas, eventualmente, é a cobertura de cabeça real mais conhecida, sobre a qual, na testa, figurava a *iaret* (*uraeus*), a cobra protectora de faraós e deuses (J. C. SALES, «Coroas», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 241-242; G. POSENER, *Dictionnaire de la civilization egyptienne*, p. 70; I. SHAW e P. NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, pp. 74-75; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 504).
- ⁹⁶ É curiosa a utilização dos verbos que nesta frase se relacionam com cada uma das coroas. Para um rei originário do Sul, obviamente que a primeira coroa que usará é a coroa branca que ele «receberá», verbo *šsp*, que também pode significar «tomar», «apropriar», «aceitar» ou «assumir». Parece que a coroa lhe estava destinada, embora se saiba que Amenemhat I foi vizir de Mentuhotep IV e a sua ascensão ao trono não foi muito pacífica devido à existência de outros pretendentes. Acerca dos reis da XI dinastia existe uma pequena discordância entre os egiptólogos. Para uns, a dinastia terá começado com os três reis, que pouco mais eram do que governadores de província tebanos, Antef I, Antef II e Antef III, seguindo-se Mentuhotep I, filho do último dos Antef e, depois, Mentuhotep II e Mentuhotep III. Mas certas fontes confirmam o pai de Antef I como rei, pouco mais se sabendo dele do que o facto de se ter chamado Mentuhotep. Seria assim, portanto, o primeiro. Vernus e Yoyotte avançam a ideia de que o seu nome de Hórus, «O Antigo», sugere inequivocamente que a sua titulação terá sido imaginada *post mortem*, só tendo sido contabilizado entre os faraós por ter sido o pai de Antef I e Antef II, nunca tendo efectivamente reinado. Esta situação gera desfazamentos entre os diversos autores, considerando uns três reis com este nome e outros quatro, de modo que Mentuhotep I, II e III de uns, corresponde aos Mentuhotep II, III e IV de outros. Seja como for, a coroa branca foi «recebida» por Amenemhat I. Mas a coroa vermelha foi «erguida» «levantada», verbo *wš*. Um verbo muito mais apropriado para um troféu conquistado ao inimigo. De facto, ela só foi alcançada depois dos combates travados, do inimigo expulso e da reunificação conseguida. Para as «Duas Poderosas» só faz mesmo sentido a utilização do verbo *sm3*, «unir»: é o facto consumado e o equilíbrio de novo alcançado (C. VANDERSLEYEN, *L’Egypte et la vallée du Nil. Tomo II*, pp. 12-13; P. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, pp. 72-77; M. J. SEGURO, «Amenemhat» e L. M. ARAÚJO, «Onomástica real» em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 54-56 e pp. 642-649; P. VERNUS e J. YOYOTTE, *Dictionnaire des Pharaons*, pp. 26 e 100; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 72, 225-226 e 271; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 156, 370 e 428).
- ⁹⁷ A tradução desta frase levanta alguns problemas e encerra dúvidas. Em primeiro lugar, a última palavra da linha, *nwdt*: não há em nenhum documento que apresente esta passagem completa. Em todos, no *Papiro 1116B recto* de São Petersburgo, na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* e no óstraco *Gardiner 326*, há uma falha equivalente a um espaço que comportaria um carácter em tamanho normal ou dois sobrepostos. Tendo em conta os caracteres existentes, embora sem a certeza de um deles, a nossa proposta é que pudesse ter sido o verbo *nwd* () no feminino, até mesmo no plural () , como acontece com *mrwt*. Devido à incerteza do carácter *t*, outra hipótese seria o verbo *nwdw* () , basicamente com o mesmo significado: «balançar», «oscilar», «agitar», «gitar», «rodar». Em segundo lugar, *phr-ihy* e *wšr*. Sobre a segunda destas duas palavras não há dúvidas: é uma variante de «remo»; mas a primeira, uma palavra justaposta, é de tradução incerta, sobretudo pela sua segunda metade. É a existência do determinativo de «terra irrigada» G. N23 () e da marca de ideograma G. Z1 (1) que nos leva a considerar a hipótese de *ihy* poder ser traduzida por «campo». Finalmente, o que são estes dois objectos? «Aquele-que-anda-à-volta-no-campo» e o «remo» deveriam ser objectos rituais que o rei empunharia num dos rituais da cerimónia da sagração em que teria que realizar um percurso à volta do palácio. Nesta passagem fala-se de coroação, fala-se de Hórus e Set e, por fim, fala-se destes dois objectos. No plano das instituições,



havia que criar condições ao rei para que, em circunstância alguma, fosse confundido com outro homem, sobretudo ao nível dos dignitários (governadores, vizires, chefes sacerdotais ou militares...). Essa legitimação era conferida por duas cerimónias exclusivas da realeza: a cerimónia da sagração e o jubileu real. O jubileu real desenrolava-se, principalmente, num mundo humano, visando essencialmente regenerar o poder real, mas a entronização decorria, sobretudo, entre os deuses, e é a cerimónia, ou melhor dizendo, o conjunto de cerimónias, que agora nos interessa focar. Independentemente da sucessão se processar por parentesco ou por conquista do poder, o ritual de inauguração de um novo reinado era a sagração do rei, também apelidada de coroação ou entronização, que, nas palavras de M.-A. Bonhême e A. Forgeau, visava «aumentar a personalidade do rei e transformá-la», sendo por isso considerada um conjunto de rituais de passagem de uma condição a outra, em que um homem se transformava num ser com qualidades inacessíveis aos outros humanos. Embora na prática se tratasse de uma série de actos iniciáticos solitários, apenas respeitantes ao rei e ao deus, realizados estritamente no círculo das pessoas necessárias à sua execução, a coroação era considerada um acto colectivo. Tradicionalmente realizada em Mênfis, estes rituais remontam à Época Arcaica e foram respeitados até ao período ptolemaico. A coroação de um rei era não só a sua sacralização, mas também a sua aclamação como duplo de si mesmo, numa clara distinção dos dois corpos do faraó: perecível enquanto ser humano, eterno como deus. Cerimonial dirigido pelos sacerdotes, compunha-se dos ritos de despertar do novo rei e saída do palácio (um despertar simbólico e mágico dirigido pelos sacerdotes), de purificação (dois sacerdotes vestidos de Hórus e de Tot purificavam o novo rei, primeiro com água e depois unguentos), de entrada do rei no templo (espaço sagrado) acompanhado por Montu (deus nacional da guerra, de origem tebana, que se apresentava com cabeça de falcão e características guerreiras, transmitindo ao rei protecção, poder, vitória e invencibilidade), de imposição das coroas por Hórus e Set (dois sacerdotes incarnavam os deuses representando a união das Duas Terras, em que Set segurando um lótus simbolizando o Sul e Hórus, com um papiro, simbolizava o Norte), de elevação real (no contexto tebano, o rei era enquadrado por dois deuses, normalmente Montu e Atum, que o conduzem até Amon), de alimentação do novo rei (absorção fictícia de leite de uma deusa simbolizando a sua passagem de comum mortal a monarca eleito pelos deuses), de entronização e de proclamação dos nomes de reinado que o novo soberano assumia. Depois o soberano fazia um circuito à volta do palácio, numa representação simbólica do seu poder sobre todo o Egipto e numa evocação de um antigo rito menfita designado por *pk̄r b̄ inb* («a volta ao muro»), na cidade que se chamava *inb-ḥd* («Muro Branco»). Em suma, o cerimonial conferia poder terrestre ao novo Hórus e poder institucional ao monarca. Provavelmente, «aquele-que-anda-à-volta-no-campo» e o «remo» eram empunhados durante este último circuito em torno do palácio. E se este périplo era a representação simbólica do seu poder sobre todo o Egipto, será que são epítetos dos ceptros *ḥk̄3t* (𓄎) e *nḥ3ḥ3* (𓄎)? Os ceptros eram impostos ao rei imediatamente antes da coroação, sendo o primeiro um símbolo da condução dos homens e o segundo, provavelmente, da justiça. O primeiro, alusivo ao passado pastoril, poderá ser «aquele-que-anda-à-volta-no-campo», e o segundo, semelhante a um mangual ou a um flabelo, ou ainda a um flagelo (frequentemente vê-se confundido *flabellum* com *flagellum*, servindo o primeiro para afastar as moscas e o segundo para executar castigos de chicotadas), parece aludir ao passado agrícola, poderá ser o «remo». A sua associação a Osíris não levanta dúvidas (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg, pl. XXV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 50; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, pp. 28, 46, 69 e 93-94; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 102, 125, 153 e 183-184; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 138; C. LALOUETTE, *Textes sacrés et textes profanes de l'Ancienne Egypte*, vol. I, p. 74; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 104; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 143; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 79-80 e 241; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 239; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 115; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 288 e 535; M.-A. BONHÊME e A. FORGEAU, *Pharaon. Les Secrets du Pouvoir*, pp. 245-285; J. C. SALES, «Coroação» em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 240-241).

⁹⁸ Ao aparecem juntos, estes dois conceitos expressavam a ideia de «para todo o sempre». Através do mito osíriaco, o rei assumia-se como um novo Osíris, entrando na eternidade (*nḥh*) perpetuamente (*dt*) (T. F. CANHÃO, «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências», p. 39).

⁹⁹ O carácter em falta na palavra *w3yw* por deterioração do papiro confirma-se na tabuinha do *Museu do Cairo 25224* (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 53).










¹⁰⁰ Não no sentido de serem respeitadas, mas no de serem respeitadoras. O rasgão existente no papiro é muito estreito e a tabuinha do *Museu do Cairo 25224* não é concludente em relação à falha do papiro, pelo que o carácter em falta não deverá ser nem G. F7 (𓄎) ou G. F8 (𓄎), mas Z5 (𓄎) (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg, pl. XXV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 52; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 265).

¹⁰¹ Esta construção já foi referida na *História de Sinuhe* (R, 42). «Os Muros do Rei» eram uma linha de fortificações mandadas erguer por Amenemhat I para defesa da fronteira nordeste do Egipto, provavelmente no Uadi Tumilat.



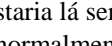

Na continuação daquele texto, fica mesmo a saber-se que foram «construídos para reprimir os Asiáticos e para esmagar os Beduínos» (R, 43) (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44).

¹⁰² As cinco linhas finais, 67 a 71, aparecem no fim do papiro depois da «página» que comporta as linhas 56 a 66 e apresentam-se na forma de colunas.

¹⁰³ A concepção de história no Egito Antigo era uma «celebração» do eterno retorno à «primeira vez», ao tempo em que o criador estabelecera a ordem primordial, que o faraó teria que manter. Esta concepção de existência tinha uma certa autonomia e a ordem social, que representa apenas um dos seus elementos, foi concebida sobre princípios de auto-regulação que premiavam os cumpridores e castigavam os transgressores. A paz social era pois a recompensa de quem respeitava a ordem estabelecida e cumpria as regras da instituição que a regulava: *maat* (*mʒʿt*), literalmente «aquela que guia». Concebida como um conceito «compacto» de múltiplas acepções (justiça, verdade, ordem...), foi criado no início do Império Antigo com uma função de ideologia estabilizadora associada à unificação do Alto e do Baixo Egito. Nele conviviam a ordem cósmica e a ordem humana, a natureza e a sociedade, o ser e o dever. Nele se confrontava permanentemente a dualidade dos opostos: bem/mal, justiça/injustiça, verdade/mentira, ordem/desordem. Representava assim o único momento em que todos estes elementos coexistiram em equilíbrio cósmico. Era a unidade primordial que era necessário manter ou restabelecer, sempre que a harmonia pessoal ou colectiva era posta em causa por *isefet*, o mal. Assumiu tal importância no quotidiano dos Egípcios que foi personificado na deusa Maat, cujas representações mais comuns são: uma figura feminina em pé, sentada ou ajoelhada, por vezes sobre um *neb* ( *nb*), com uma pena de avestruz na cabeça ( ;  ; ), formas aladas ( ; ), ou simplesmente uma pena de avestruz (). Na maior parte das vezes trazia consigo um *ankh* (*ʿnh*, ), o que representa uma autêntica redundância, uma vez que a própria deusa simbolizava a vida. No entanto, Hornung refere que a mais significativa das suas representações é aquela em que o seu nome é escrito com o signo que representa um pequeno pedestal com uma das faces em bisel () que, na sua opinião, podia servir para assentar o trono das divindades: «Deste ponto de vista, *maat* é o que constitui o fundamento do equilíbrio do mundo criado, a base sobre a qual repousa toda a vida cósmica e social». Era, no entanto, um princípio claramente subjectivo, que incitava a uma busca permanente e perpétua, cujos preceitos nunca eram apresentados como já feitos, mas para serem realizados. O seu valor e significado estavam de tal modo pressupostos em toda a vida egípcia que é muito difícil conseguirmos fazer uma ideia diferenciada da natureza de *maat*. Sobre os três caracteres da palavra *isft* ilegíveis no papiro, eles confirmam-se na *Tabuinha do Museu do Cairo 25224* (T. F. CANHÃO, «Datação e temática do *Conto do Camponês Eloquente*», em *Cadmo* (15), pp. 172-173; E. HORNUNG, *L'esprit du temps des Pharaons*, p. 134; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 57).

¹⁰⁴ Esta construção gramatical não está correcta. Tal como se vê na tabuinha do *Museu do Cairo 25224*, o pseudo-particípio («old perfective» de Gardiner) bem construído seria *isft dr.ti*. Quanto muito, far-se-ia a concordância *isft drty sy r-rwty*, caso se pretendesse usar o pronome dependente na terceira pessoa feminina do singular (W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 57; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242 e 289-290).

¹⁰⁵ Gramaticalmente funciona como substantivo e não como adjectivo, só assim se justificando a utilização do pronome dependente entre o verbo e o substantivo (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242 e 289-290; R. O. FAULKNER, *Concise Dictionary*, p. 147).

¹⁰⁶ Golénischeff regista mais alguns caracteres muito deteriorados, hoje completamente ilegíveis no papiro. Já Helck, possivelmente, não os terá conseguido ler – pelo menos não os regista –, nem existe mais nenhuma fonte com registos posteriores a *hpr*. Aparentemente seria o cólofon, embora diferente dos encontrados na *História de Sinuhe* ou no *Conto do Naufrago*. Aparentemente, o que estaria lá seria *iw.s pw m htp in sš* () onde o .s, seria um dos caracteres perfeitamente legíveis; normalmente é empregue o pronome sufixo na terceira pessoa masculina, *f* (), e não a terceira pessoa feminina. A sua tradução seria: «e acabou em paz pelo escriba», podendo-se seguir o nome do escriba. A expressão «acabou em paz» pode ser similar ao tradicional «do princípio ao fim, como o que se encontrou na escritura», ou seja, foi feita uma cópia completa igual ao original. Erman e Lalouette não mencionam esta fórmula final, e Fermat e Lapidus não transcrevem nem transliteram nada mas informam que o texto termina com a habitual fórmula dos textos copiados. Os restantes autores, de uma forma ou de outra, expressam a existência do cólofon (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116A et 1116B de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg*, p. 25 e pl. XXV; W. HELCK, *Die Prophezeiung des Nfrtj*, p. 58; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 139; C. LALOUETTE, *Textes sacrés et textes profanes de l'Ancienne Egypte*, vol. I, p. 74; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 105; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, p. 144; A. FERMAT e M. LAPIDUS, *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, pp. 81 e 239; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 240; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 115).